



Pentecostalismo na periferia: os recursos de igrejas pentecostais no conjunto habitacional Novo Eldorado do Programa “Morar Feliz” em Campos dos Goytacazes- RJ.

Paula Aghata Pinto Batista, Wania Amélia Belchior Mesquita.

No presente trabalho busca-se a articulação de questões sobre religião, pobreza e violência referentes às condições e modo de vida da população residente do Programa Morar Feliz, da prefeitura de Campos dos Goytacazes. A revisão bibliográfica consiste nos temas: cidade, religião e pentecostalismo, com intuito de problematizar as aplicações dessas categorias no debate sobre ações dos pentecostais nos contextos de periferias urbanas. A abordagem metodológica do projeto previa a realização de um trabalho de campo, que envolvia a observação participante e aplicação de surveys. No início da pesquisa realizamos leituras, fichamentos e discussões de textos sobre observação participante e etnografia como preparação para o trabalho de campo. Após essa fase da pesquisa, eclodiu a pandemia do Coronavírus e tornou-se inviável a execução do trabalho de campo no conjunto habitacional. Assim, fez-se necessário a implementação de adaptações para dar continuidade à produção científica. Nessa fase passamos a realizar reuniões através do Google Hangout, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas Urbanas e Regionais. Nas reuniões foi proposto aos bolsistas o início de escrita de um diário de campo, registrando as mudanças nas nossas vidas cotidianas, a partir das observações do nosso núcleo familiar. Tal proposta objetivou que aprendêssemos a observar e escrever relatos etnográficos, a partir de nossas casas e familiares. Foi proposto também a realização de entrevistas não diretivas com dois de nossos familiares, que apresentavam percepções diferentes sobre o isolamento social e a pandemia. Para tal, fizemos leituras de textos sobre a realização de entrevistas, como Michelat (1980) e Bourdieu (2007), e realizamos juntos a elaboração de um roteiro. Cada um dos bolsistas realizou a entrevista utilizando recursos diferentes, que variavam de acordo com o fato dos familiares morarem na mesma casa ou distante. Realizei as minhas com o uso do gravador e após o resultado e discussões, ficou perceptível que, esse recurso acabou intimidando os entrevistados, que falaram pouco em suas respostas. Pude perceber que, na presença do gravador, meus familiares falaram bem menos do que costumam, sem esse aparelho, sobre o que pensam da pandemia, isolamento e de como Brasil está combatendo tudo. Tal experiência me serve de aprendizado sobre interferências que o uso do gravador pode trazer na realização de entrevistas e me ajuda a pensar nos trabalhos de campo futuro.